

A PROFESSORA ZILMA

Zilma Coelho Pinto me escreve de Cachoeiro do Itapemirim: ela continua a dar murros para levar adiante sua campanha de alfabetização, em que chegou a fundar, só no município, 42 cursos. Alfabetização e assistência social, pois ela chegou à evidência de que nossa gente do interior é tão pobre e tão atrasada que, se não lhe damos uma ajuda, ela não tem capacidade sequer para aprender a ler.

Uma das coisas admiráveis de Zilma é sua negativa em servir aos interesses de qualquer partido político. Ela compreendeu desde logo que, se pusesse sua campanha a serviço deste ou daquele político, acabaria se transformando em um cabo eleitoral vulgar. E tudo que representa sua obra seria apenas um pretêxto para atranjar votos. "Estou disposta a fazer a propaganda de qualquer partido ou de qualquer político — me disse Zilma — e por sinal que muito barato. Quem quiser pode patrocinar um curso, que terá seu nome. E o patrocínio custa apenas 4.200 cruzeiros por ano, o essencial para pagar a professora. Algumas figuras políticas já fizeram isso e o Partido Socialista também. Mas o que não posso fazer é pedir ao homem a quem ensinei a ler, e que graças a isso se transforma em eleitor, que vote em fulano ou sicrano. Isso é com êle: certo ou errado, êle deve ser livre de escolher. Minha tarefa é transformar homens em cidadãos — nada mais. É uma tarefa primária, mas essencial em uma democracia ou em um projeto de democracia".

As necessidades da Campanha também provaram a Zilma que ela devia fazer cursos para crianças, nos lugares e casos em que estas não frequentam as escolas municipais ou estaduais. Consegue atraí-las, como aos adultos, com presentes, roupas e (sinal de nossa miséria) remédios. Seu curso de corte e costura tem dado resultados excelentes. Outra coisa que ela comprovou é que a alfabetização dos adultos influi diretamente sobre a de crianças: os pais que aprendem a ler nunca deixam de mandar os filhos para a escola, mesmo que isso lhes custe sacrifício, como é o caso das famílias que utilizam o trabalho dos meninos.

Zilma pede a quem quiser ajudá-la para lhe escrever — basta por na carta Cachoeiro do Itapemirim — Espírito Santo. Livros, material escolar, fazendas, artigos de alimentação remédios, tudo a interessa. E principalmente dinheiro. De tudo ela faz arma para sua luta. Uma luta duríssima, em que tropeça a todo instante com a ironia dos céticos, com a suspeita dos desconfiados, com o egoísmo dos ávaros, com a preguiça dos displicentes. "Já encontrei fazendeiros e também donas de casa da cidade que me disseram que é uma tolice ensinar o pobre a ler, pois assim êle se torna inútil. Mas felizmente êsses são raros: a maioria já compreende que não se pode construir a vida de um país sobre a miséria e a ignorância do povo. Uma sociedade que quer ter essas bases acaba se enterrando em um buraco do chão."

Alma heróica e simples, essa mulher gorda e incansável não dá sossego a ninguém em Cachoeiro; está sempre pedindo, insistindo, reclamando, gritando — e realizando. Peço para ela a boa vontade de todos — e êste pedido é tudo o que eu, na minha longa preguiça, posso fazer por essa professora agitadaíssima de minha terra.

28.3.57

R.B.

417